

A EUROPA FACE AO POPULISMO: DESDE OS ANOS 80, DO SÉCULO XX, ATÉ AOS TEMPOS DA PANDEMIA E DA GUERRA NA UCRÂNIA

EUROPE FACE THE POPULISM: FROM THE EIGHTIES, OF THE TWENTIETH CENTURY, TO THE TIMES OF PANDEMIC AND UKRAINIAN WAR

Isabel Ferin Cunha¹

¹Instituto de Comunicação da Universidade Nova/Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. E-mail: barone.ferin@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8701-527X>

Recebido em: 11/12/2022



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0



Revista Neiba, Cadernos Argentina-Brasil, Rio de Janeiro, Vol. 11, 2022

Isabel Ferin Cunha

DOI: 10.12957/neiba.2022.71908 | e71908 | ISSN: 2317-3459

RESUMO

O texto pretende descrever e analisar a emergência dos populismos na Europa, desde a década de oitenta, do século XX, até à atualidade, tendo, como pano de fundo, a globalização e os seus contributos para a eclosão daquele fenómeno. Com esse objetivo, faz-se uma abordagem a diversas concepções do conceito e orientam-se as reflexões para as últimas duas décadas do novo milénio, embora tenha-se em conta a história; a cultura; a política e a geoestratégica do século anterior. Em seguida, aborda-se o populismo como um fenómeno de comunicação, estabelecendo-se relações entre mudanças no panorama mediático e a emergência de políticos e movimentos populistas. O locus e a perspetiva de análise estarão centrados no continente europeu, particularmente, na União Europeia, composta por 27 países, onde se integra, apesar do Brexit, o Reino Unido. Trata-se de um texto ensaístico que se fundamenta numa revisão bibliográfica analítica, cujo lugar privilegiado de fala está situado na Europa.

Palavras-chave: Populismo na Europa, Comunicação e Populismo, Globalização.

ABSTRACT

The article intends to describe and analyse the emergence of populisms in Europe, in the first two decades of the 21st century, having, in the background, the globalization and its contributions to the outbreak of that phenomenon. With this objective in mind, an approach is made to the different conceptions of the concept. At the same time, we reflect about the two last decades of the new millennium, considering the history, culture, politics and geostrategy of previous century. Next, we approach populism as communication phenomenon, establishing relationships between changes in the media landscape and the emergence of populist political actors and movements. The locus and perspective of analysis will be cantered on the European continent, particularly on the European Union, comprising 27 countries, which includes, despite Brexit, the United Kingdom. It is an essay text that is based on an analytical bibliographical review. The author's place of speech is mainly situated in Europe.

Keywords: Populism in Europe, Communication and Populism, Globalization.



1. DA GLOBALIZAÇÃO AO POPULISMO DA EUROPA DO SÉCULO XXI

Entende-se a globalização como um processo de interligação financeira, económica, tecnológica e social, que teve o seu início a partir das viagens intercontinentais europeias do século XV, e se aprofundou com o colonialismo no século XVI, originando o que Immanuel Wallerstein designou “sistema mundo capitalista”². Este processo, liderado pelas nações europeias e, posteriormente, pelos Estados Unidos, sofreu adaptações e ajustamentos ao longo dos séculos, em função das vicissitudes económicas e políticas, conflitos e guerras imperiais. Existindo uma imensa literatura académica sobre o fenómeno, que desenvolveu diferentes perspectivas de análise, teorias e conceitos, salienta-se, nesta exposição, os contributos europeus de Giddens (1991)³ e Beck (2000; 2009)⁴, a leitura pós-colonial de Quijano (2000)⁵ e a análise diacrónica e sincrónica presente na obra do pesquisador australiano, radicado nos Estados Unidos, Manfred Steger, na conceptualização e discussão da Globalização.

Giddens, em 1991, identifica quatro primordiais dimensões no processo de Globalização, tais como: 1) economia capitalista interdependente e global; 2) perda de soberania do Estado-nação face aos interesses transnacionais organizados; 3) poder/ordem militar mundial em fase de pulverização, com a decadência da União Soviética e a emergência, como potências nucleares, de outros atores políticos; 4) culturas, identidades e nativismos homologados por padrões e simbologias ocidentais. Beck (2000; 2009) atribuiu relevância a aspetos como: 1) tecnologias de informação e comunicação; 2) ecologia e ambiente; 3) economia e finanças transnacionais; 4) organização e fragmentação transnacional do trabalho; 5) amalgama cultural global e o nascimento de uma 6) sociedade civil transnacional.

Num lugar de fala situado no hemisfério Sul, Quijano afirma que a Globalização é o culminar de um processo que começou com a construção do capitalismo moderno eurocêntrico, após a chegada dos europeus às Américas, no século XVI, distinguindo os

² Wallerstein, I. (2004) *World-System Analysis: An Introduction*. Durham, N.C.: Duke University Press.

³ Giddens, A. (1991) *The consequences of Modernity*. Cambridge: Polity Press.

⁴ Beck, U. (2009) *What is Globalization?* Cambridge: Polity Press.

⁵ Quijano, A. (2000) *Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin-America*. *Nepantla: Views from South*, Volume 1, Issue 3, 2000, pp. 533-580. Durham, N.C.: Duke University Press.



percursos de fixação dos mesmos, a Sul e a Norte do continente. Para este autor, um dos eixos fundamentais deste modelo de poder articula-se em torno da construção mental da ideia de raça, que sobreviveu à extinção do colonialismo e informa, atualmente, a divisão do trabalho global e os papéis assumidos por cada continente/região/país e estado na globalização. Na continuação desta reflexão, Quijano afirma que a Europa, e o Ocidente em geral, categorizou de forma binária as relações mundiais, tais como: Europeu/não-Europeu; Norte/Sul; primitivo/civilizado; mágico-mítico/científico; irracional/racional ou, ainda, tradicional/moderno. O autor avança, com a convicção que a hegemonia europeia sobre o novo modelo de poder global, concentra, ainda, e na mesma perspectiva, todas as formas de controle da subjetividade que se estendem à cultura, ao conhecimento e à produção de conhecimento. A Globalização é, assim, para Quijano, uma construção eurocêntrica que, mantendo estas características, só interessa aos europeus e ao ocidente.

Manfred Steger apresenta, nos inúmeros artigos que constituem a sua vasta obra sobre a Globalização, abordagens que discutem teoricamente a utilização do conceito, bem como uma sequência analítica, diacrónica e sincrónica, do mesmo, onde explora e identifica fases daquele fenómeno. Em texto publicado em 2005⁶, considera que há seis reinvidicações centrais inerentes ao globalismo: 1) a liberalização e integração dos mercados; 2) a inevitabilidade e irreversibilidade daquele fenómeno/processo/ideologia; 3) a ausência explícita de liderança e responsabilidade; 4) os benefícios que acarreta a todos os países, regiões e povos, a longo prazo; 5) a promoção dos direitos humanos e da democracia e 6) a inevitabilidade de uma guerra contra o terror.

Uma década e meia posterior, em 2021, o autor assume que os anteriores pressupostos não se confirmaram e que o aprofundamento da Globalização levou ao recuo do liberalismo de inspiração ocidental, à crise política da democracia liberal e até mesmo ao fracasso do liberalismo, face a movimentos de cariz totalitário, autocrático e populista. Para esta situação, contribuiu a expansão do neoliberalismo, a partir do final dos anos oitenta e início da década de noventa, do século passado, com origem no Reino Unido (Margaret Thatcher, 1979-1990) e nos Estados Unidos (Ronald Reagan, 1981-

⁶ Steger, M. B. (2005) *Journal of Political Ideologies*, February, 10(1): 11-30. DOI: [10.1080/1356931052000310263](https://doi.org/10.1080/1356931052000310263)



1989), após a queda da União Soviética, em 1991. O neoliberalismo definido, por Steger (2020)⁷, como uma ideologia; um modo de governação e um conjunto de políticas públicas, articuladas em torno da fórmula D-L-P: desregulação da economia; liberalização do comércio e da indústria e privatização das empresas do Estado. Em paralelo, e acompanhando a expansão das tecnologias da informação e da comunicação, a dimensão ideológica do neoliberalismo, patrocinada pelas elites globais — constituídas por executivos; administradores; lobistas; políticos cooptados; profissionais de elite dos diferentes ramos da comunicação, como jornalistas e publicitários — saturou o discurso público, em conluio com os media e as tecnologias de informação e comunicação, com os quais partilham o poder.

Em síntese, considera-se que a Globalização tem, na atualidade quatro pilares estruturantes, distribuídos geograficamente: 1) capital norte-americano, chinês e dos emirados árabes; 2) tecnologia sofisticada e crescentemente digital, com patentes maioritariamente europeias, norte-americanas, sul coreanas e de Singapura; 2) energia, barata e abundante, advinda, principalmente, do Golfo árabe e da Federação Russa; 3) trabalho barato e mão de obra dócil, posicionados, preferencialmente, no continente asiático; 4) matérias-primas — terras e minerais raros — bem como alimentos e outras commodities, a preços controlados, na China, América Latina e África.

Três características da globalização são identificadas como condicionantes, a médio prazo, das manifestações de populismo na Europa e no ocidente em geral. Primeiramente, a globalização é geograficamente desigual, tendo consequências diferentes em função do país, região ou continente. Em segundo lugar, a globalização nem sempre se traduz em maior interdependência podendo, contudo, perturbar e desconectar as relações existentes e, por fim, a globalização tem gerado reflexões, ideias, discursos e sensibilidades que originaram ideologias concorrentes, no interior da própria globalização. Neste sentido, embora haja uma percepção da Globalização como um fenômeno/processo ou ideologia única, proliferaram os globalismos regionais e locais, perpassados por tendências que acentuaram ora o papel do mercado, ora do

⁷ Steger, M.B. (2020a) *Globalization: A Very Short Introduction*. 5th ed. Oxford, UK; Steger, M. B. (2020b) *Globalisms: Facing the Populist Challenge*. Lanham, MD.



nacionalismo, ora da justiça e dos direitos humanos e individuais, ora ainda, a perspectiva religiosa conservadora.

Na primeira década do milénio, na Europa, surgem, progressivamente, indícios de descontentamento face à globalização neoliberal, os quais se pautam por turbulências políticas de natureza diversa. Numa década onde cresce o financeirismo; acentua-se a desindustrialização; cresce o desemprego e se assiste a ataques terroristas em solo europeu, perpetrados por radicais islâmicos apoiantes dos movimentos radicais, em guerra na Síria e no oriente médio, crescem os sentimentos anti-imigração e anti-globalização. Se as migrações são percebidas, por grande parte dos cidadãos europeus, como o ameaça existencial aos seus valores e ao seu modo de vida, por se tratarem na maioria de migrantes islâmicos, a globalização é percebida como uma ameaça ao emprego e ao estado social.

A crise financeira de 2008, provocada pela queda do Lehmon Brothers, nos Estados Unidos — que desestabilizou o sistema financeiro global e resultou na Europa, na designada crise de subprime, ou da dívida pública — veio acentuar os indicadores anteriormente descritos. As consequências desta crise, cuja resolução, pelas autoridades da União Europeia, em Bruxelas, privilegiou o capital em detrimento da política e do cidadão comum, resultou em inúmeras tensões sociais em toda a Europa. As mais visíveis, foram, sem dúvida, as que levaram à implantação de políticas de austeridade nos países do Sul, patrocinadas pelos países do Norte da Europa, e impostas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Central Europeu (BCE) e Banco Mundial (BM).

2. AS MÚLTIPLAS DIMENSÕES DO POPULISMO

Populismo é um conceito, termo, ideologia, doutrina, fenómeno, difícil de definir e de determinar com precisão a sua origem histórica. O seu uso tornou-se tão abrangente que, em determinadas circunstâncias, deixou de ter um valor analítico, apesar de o seu uso exaustivo indiciar a existência de um fenómeno complexo e multifacetado. Com um percurso reconhecido, pautado por líderes carismáticos e discursos de apelo ao povo, no início do século XX, configurou-se de formas diversas na América Latina, nos Estados Unidos e na Europa. Neste período, os líderes inauguraram formas originais de



mobilização, através da rádio, da publicidade e de espetáculos culturais de massa, criando coreografias de apelo ao povo, prometendo melhores dias e futuro. Ao mesmo tempo, esses líderes não deixaram de identificar um Outro, como inimigo, ora visando minorias e estrangeiros, ora identificando as elites corruptas. Contra estes grupos, considerados exógenos, mobilizaram o povo e, por vezes, apoiaram movimentos militaristas, como o nazismo e o fascismo.

Sendo um conceito complexo e controvertido, identificam-se múltiplas abordagens e perspectivas face àquele fenómeno. Jagers e Walrave (2007) consideram que há quatro graus de populismo: 1) Populismo completo que inclui referências e apelos ao povo, bem como ao anti-elitismo e à exclusão de grupos externos; 2) Populismo excludente que inclui apenas referências e apelos ao povo e exclui grupos externos; 3) Populismo anti-elite que inclui referências e apelos ao povo e ao anti-elitismo; 4) Populismo vazio que inclui, apenas, referências e apelos ao povo.

Gidron e Bonikowski (2013) identificam fronteiras, períodos e clivagens históricas no populismo, no pós Segunda Guerra Mundial. Estes dois autores consideram que o fenómeno é comum a todos as latitudes, mas, na Europa, da década de oitenta, surgiu uma variante excludente visando, sobretudo, imigrantes e minorias nacionais, enquanto na América Latina o populismo está associado a uma visão inclusiva da sociedade, objetivando reunir diversas identidades étnicas, em quadros políticos compartilhados. Já nos Estados Unidos, assinalam a dimensão, a complexidade e o crescimento do fenómeno, desde a fundação do Partido do Povo (século XIX) e da Nova Esquerda, nos anos 60, até à atualidade, onde dominam as tendências conservadoras, nacionalistas, religiosas e xenófobas.

Os mesmo autores, Gidron e Bonikowski, sistematizam as perspectivas de análise do populismo, tendo em conta a centralidade da ideologia política, o estilo político e a estratégia política. Salienta-se que a sistematização realizada, por estes autores, não só avança com definições mínimas das três concepções propostas, como apresenta as unidades de análise mais adequadas a cada uma delas, ao mesmo tempo que elenca os métodos mais relevantes de pesquisa e os autores que as desenvolveram.



Quadro 1. Perspectivas de análise do Populismo

	Concepção de Populismo	Unidade de Análise	Métodos Relevantes	Referências
Ideologia Política	Conjunto de ideias interrelacionadas de natureza sociopolítica	Partidos/líderes partidários	Revisão de literatura política e partidária. Métodos quantitativos e qualitativos	Mudde (2004, 2007; 2014; 2016; 2017); Mudde & Kaltwasser (2012)
Estilo Político	Discurso com características políticas específicas	Textos/ Discursos/Peças televisivas/ <i>corpus</i> das redes sociais	Análise interpretativa dos textos. Análise do discurso e de conteúdo/narratologia. Comunicação Não-Verbal	Kazin (1995); Laclau (2005); Mazzoleni (2008); Moffitt & Tormey (2013); Seiter & Weger (2020)
Estratégia Política	Uma forma de organização e de mobilização	Partidos (com foco nas estruturas), líderes e movimentos sociais	Análise histórica comparativa. Estudos de caso (case studies).	Roberts (2006); Weyland (2001); Jansen (2011); Moffitt (2017); Norris & Inglehart (2018)

Fonte: Gidron e Bonikowski, 2013

De forma semelhante, com a finalidade de categorizar as diversas manifestações do populismo, Moffitt e Torney (2014) assinalaram quatro abordagens centrais, tais como a ideológica, a lógica, a estratégica/organizacional e o discurso. Mudde e Kaltwasser (2017) observam, por sua vez, que o populismo tende a configurar-se como uma ideologia de “baixa densidade” que pode estar associada a elementos e valores de outras ideologias mais estruturadas, à esquerda e à direita. Deste modo, a palavra populismo seria, muitas vezes, utilizada em substituição ou sobrepondo-se a termos como nacionalismo, nativismo, soberanismo, eurocepticismo e mesmo a ideologias de extrema-direita, descrevendo um leque vasto de acções, indivíduos, atores políticos, partidos, movimentos e discursos que utilizam estratégias políticas de comunicação e informação, em torno de juízos de valor e concepções simplificadoras da realidade.

O populismo é entendido, também, como uma ideologia que decorre de décadas de falência de políticas liberais, suscitando uma resposta democrática iliberal, conduzida



por líderes carismáticos e anti-sistema, que articulam estratégias políticas em torno da dicotomia povo versus elites corruptas (Laclau, 2005). Convém entender que o populismo pode, em certas circunstâncias, aumentar a representação e dar voz a grupos de cidadãos que se encontram fora do espectro político, bem como chamar a atenção para questões ignoradas, ou escondidas, das, e pelas elites. Ao mesmo tempo, pode mobilizar grupos de pessoas que se sentem excluídas, marginalizadas ou estão ressentidas, face ao sistema político. Na sequência deste raciocínio, Mudde e Kaltwasser (2012) vêem o populismo tanto como ameaça, quanto como corretivo para a política democrática. Chamam a atenção, no entanto, para a necessidade de ter em conta o sistema de governo e a cultura política de cada país. Assim, em países com um sistema parlamentar consensual, instituições e comunidades fortes, bem como uma imprensa pluralista e autónoma, é pouco provável que o populismo se torne uma ameaça existencial. Mas em países polarizados, com instituições fracas e imprensa dependente e instrumentalizada, o populismo tenderá a tornar-se uma verdadeira ameaça à democracia (de Vreese *et al.*, 2018). Nunca é demais assinalar que os contributos positivos à democracia, de um certo populismo, não anulam a generalidade dos efeitos negativos, na medida em que, uma vez instalados, estes líderes e partidos populistas, tendem a enfraquecer o estado de direito, debilitando as instituições e sujeitando-as a arbitrariedades. Este percurso tende a agravar-se com o cerceamento das liberdades individuais, com a censura à imprensa e à liberdade de expressão, assim como com a limitação dos direitos humanos e os ataques deliberados às minorias (Mudde e Kaltwasser, 2017).

Em síntese, constata-se um conjunto de abordagens ao populismo que o caracterizam como um conceito político e social, geral e abstrato, que informa um conjunto diversificado de questões e programas políticos, condicionados por contextos históricos nacionais. Os seus principais elementos são a ideia de povo, impulsionada pelos atores populistas no sentido unificar uma comunidade imaginada; a construção de um Outro, que pode direccionar para grupos exógenos, ou ainda tomar a forma de elites corruptas (Reinemann *et al.*, 2017). Na última década, acentuou-se a dimensão comunicativa da análise do populismo, em função da mediatização da sociedade e da evidência da sua interrelação com o eco-sistema mediático, pautado pela circulação de



informação ininterrupta, pela falência de mediadores, nomeadamente do Jornalismo, e pelo o acesso às redes de múltiplos produtores e consumidores de discursos políticos. A assunção do populismo, como um fenômeno de comunicação, elege os dispositivos de comunicação, nomeadamente os media *mainstream* e as redes sociais, como ferramentas imprescindíveis para a existência e a expansão daquele ideário, caracterizado pela saliência de atores políticos carismáticos, utilizadores de vocabulário próprio e produtores de discursos singulares.

3. O POPULISMO COMO UM FENÔMENO DE COMUNICAÇÃO

Nas diferentes análises e concepções do populismo, o papel dos meios de comunicação, da estratégia de comunicação política, do estilo e dos discursos, ganharam crescente protagonismo. No final da década de noventa, do século passado, Mazzoleni e Schultz (1999) tinham alertado para esta tendência nas sociedades ocidentais. Ao mesmo tempo, estes autores observaram que este protagonismo dos meios de massa poderiam vir a constituir uma ameaça para as democracias, em função das características que presidiam os processos de formatação e disseminação de informação, bem como de aquisição de conhecimentos pelos cidadãos comuns.

A observação, de Mazzoleni e Schultz (1999), insere-se num quadro mais complexo de alterações do ecossistema mediático que, desde o início dos anos noventa, acompanhou a deriva neocapitalista ocidental, acentuando a orientação das empresas mediáticas para o mercado e a captação das audiências. Mudanças que acompanharam desafios tecnológicos profundos, nomeadamente no que concerne ao uso de dispositivos, como a televisão. A conjugação destes acontecimentos, favoreceu a emergência de um padrão de programação, tanto na informação como no entretenimento, assente em temas e estratégias comerciais, que visavam chegar a um grande número de cidadãos recorrendo a elementos cénicos e discursivos apelativos. Nesta luta pela captação das audiências, onde o meio televisão sobressai, programas de entretenimento e de informação, nomeadamente os classificados como de jornalismo, aproximaram-se, assumindo a descomplexificação, a emoção e a espectacularização como denominador comum da sua atividade.



Este cenário é acompanhado pela concentração de empresas mediáticas, em poucos grupos e proprietários, tendo como consequência a diminuição da diversidade da informação, apesar do aumento dos meios de comunicação disponíveis e dos formatos oferecidos, sobretudo nas televisões. Paralelamente, observa-se uma crescente mediatização da sociedade e da política, assente na autonomia, dominação e moldagem das instituições sociais pelos media (Strömbäck, 2008; Hjarvard, 2008) numa simbiose dinâmica e co-dependente, onde os primeiros instigam e impulsionam a segunda. A contaminação da política e da comunicação política, pela lógica dos media, teve como consequência a valorização de características como o entretenimento, o espectáculo, a simplificação e fragmentação de informação. Tais características evidenciaram-se, sobretudo, nas televisões, e transformaram os meios de comunicação em catalizadores de sentimentos públicos.

Na década de oitenta e noventa, os meios de massa europeus “americanizaram-se” no estilo e nos conteúdos, no decorrer de medidas que acompanharam a mercantilização e a desregulamentação das empresas media, bem como a entrada de acionistas exteriores ao campo. Os grupos empresariais de media substituíram o serviço público na maioria dos países europeus, financiados pelos contribuintes, e a busca de lucros instalou-se, alterando critérios noticiosos e formatos de entretenimento.

As televisões, meio de comunicação por excelência, no final do século XX, especializaram-se em formatos de reality show e talk shows, consolidando um estilo popular de comunicação, que privilegia as emoções, a simplificação de argumentos e utiliza os cidadãos/espectadores como atores e figurantes, consolidando uma visão individualista e egocêntrica na sociedade. Nas notícias, esta abordagem comercial tem como consequência uma dinâmica que tende a priorizar critérios sensacionalistas, atores políticos carismáticos, factos que apelem à emoção e ao drama, para suscitar o interesse de públicos cada vez mais saturados e desatentos a conteúdos de interesse público e político. Mazzoleni (2008) considera que as características deste sistema mediático, que designou como populismo mediático, criou um caldo perfeito para a emergência dos populismos na Europa, ao conjugar uma elevada produção de conteúdos, centrada quer no entretenimento, quer no jornalismo, com as características anteriormente referidas.



O sistema mediático, que emergiu no final do século XX, centrado na televisão, criou um clima de concorrência pelas audiências, acarinhou imaginários, expectativas, ansiedades e gostos populares, que tornaram propícia a difusão de ideários populistas. Neste contexto, o sistema mediático tende a ser potenciado por personagens carismáticas, hábeis em dar voz às percepções e emoções do homem comum, ao mesmo tempo em que insistem em temas e conteúdos apelativos como a segurança, o crime, a corrupção e as migrações. Esta convergência de objetivos, não sendo propositadamente desenhada, entre os media comerciais e os movimentos e líderes populistas, utilizam estratégias de comunicação miméticas, respetivamente para captar audiências e captar eleitores/seguidores. Assim, os meios de comunicação tendem a dar visibilidade aos líderes populistas, porque estes adotam lógicas mediáticas e trazem audiências. Por outro lado, os líderes tendem a captar os meios de comunicação, oferecendo-lhes potenciais audiências. O exemplo mais acabado desta trajetória de cumplicidade entre os media e o populismo, ainda alicerçada nas televisões, é a trajetória de Sílvio Berlusconi, visto como uma pop-star, dono da Mediaset, na década de 90, e fundador do movimento Forza Itália. Outro exemplo é a emergência do líder português de extrema-direita, André Ventura, do partido Chega, que começou o seu percurso, já no século XXI, como comentador de futebol numa televisão de grande audiência popular.

As alterações sociais e mediáticas dos anos 80 e 90, do século XX, na Europa, decorrente da expansão das políticas neoliberais e neocapitalistas iniciadas com Thatcher (1979-1990) e Reagan (1981-1989), ao aprofundarem a globalização e promoverem a deslocação das grandes indústrias europeias, criaram um descontentamento profundo em amplas camadas da população. Muitos cidadãos sentiram-se abandonados, ameaçados ou traídos nas suas expectativas. Os movimentos populistas de esquerda, e de direita, capitalizaram esse descontentamento para adquirirem visibilidade. Ao mesmo tempo, as suas temáticas, e formas de comunicação, transbordaram para a comunicação política *mainstream*, inaugurando um estilo de comunicação designado por soft populism. Isto é, um estilo de comunicação política, adotado por líderes, que privilegia a personalização, as mensagens simplificadas, o recurso a temas de forte impacto emocional e o apelo direto a segmentos marginalizados de cidadãos.



O papel dos meios de comunicação, na instalação do Populismo na Europa dos anos 90 e início do milénio na Europa, consolida um tipo de comunicação política caracterizado por Mazzoloni e Bracciale (2018), como populismo endémico. Este modo de estar na política contamina, não só os atores políticos e partidos tradicionais, como os discursos dos cidadãos comuns, criando uma retroalimentação circular entre os diversos níveis de emissores. Trata-se de um fenómeno que acompanha a mediatização da política e a consolidação do papel dos media e das redes sociais como atores políticos nas democracias ocidentais, favorecendo não só a propagação dos discursos populistas, como o domínio do estilo populista na comunicação política, com base em fenómenos de contágio e mimetismo (Schwörer, 2021).

Com a expansão das redes sociais, no início do milénio, aquela circularidade assentava-se, instalando um sistema híbrido de comunicação política, entre os media *mainstream* e as redes sociais (Chadwick, 2013), com amplo impacto nos primeiros. A hibridez decorre da forma como as mensagens fluem, pelos diferentes meios, ao mesmo tempo que são recondicionadas, em função das características dos diversos dispositivos e dos públicos-alvo específicos. Salienta-se que a natureza não mediada das redes sociais, onde cada utilizador é, simultaneamente, produtor e divulgador, condiciona essa hibridez e a circulação das mensagens. Convém referir, ainda, que a circulação de conteúdos está associada às condições tecnológicas e ao funcionamento das grandes empresas tecnológicas (BigTec), donas e gestoras das redes sociais, que mantêm protocolos e políticas de controle de algoritmos e de processamento de dados sigilosos, não regulados por instâncias democráticas.

Ao mesmo tempo, e na sequência do hibridismo e circularidade de conteúdos, desponta uma nova lógica mediática, com características diferentes da lógica mediática *mainstream*. Esta última está alicerçada em meios de comunicação todo-poderosos, com capacidade de selecionar e formatar conteúdos, privilegiando mediadores — como jornalistas, opinadores, editores de conteúdos e outros — produção e distribuição, bem como utilizadores, com uma substancial base geográfica. A lógica mediática das redes sociais adquire outras dimensões, nomeadamente no que toca à dimensão, produção e distribuição. A dimensão de produção caracteriza-se por ser individualizada,



personalizada, não mediada e não encontra filtros morais, emocionais ou de outra natureza, a não ser os pessoais. A dimensão de distribuição está relacionada com a adesão e partilha das mensagens pelos utilizadores. A dimensão da utilização está marcada pela troca de mensagens realizada, de preferência, entre grupos de pares, que partilham ideias, sentimentos e visões de mundo — comunidades que, muitas vezes, são constituídas como “bolhas” fechadas e auto-centradas. Esta lógica mediática, instalada pelas redes sociais, contamina de forma definitiva a comunicação política, impondo a circulação de conteúdos emocionais, polémicos e violentos. em bolhas extremadas e polarizadas. Tais conteúdos disseminam-se sob a forma de likes, links, posts, reações, comentários e partilhas.

No quadro 2, sintetizam-se os temas, as características da comunicação política e as políticas/ações dos meios de comunicação e das redes sociais, face ao populismo na Europa, nos últimos dois anos.

Quadro 2. – O populismo enquanto fenómeno de comunicação na Europa (2020-2022)

Temas	Comunicação Política	Comportamentos dos Meios de Comunicação
- Nacionalismo - Povo - Elites - Outro(s) - Segurança - Anti-Imperialismo Norte Americano - Anti- União Europeia - Anti-globalização - Desglobalização - Imigração - Islamofobia - Ideologia de Género - Minorias - Demografia (Grande Substituição)	- Personalização/Culto ao líder - Estratégias de afastamento/aproximação com governos autocráticos, totalitários e populistas - Mediatização/encenação e espetáculo (imagebyte) - Seleção do vocabulário (soundbyte) - Gestualidade e comunicação não-verbal (gestualbyte) - Apelo à emoção/violência verbal (politicamente incorreto) (emotionalbyte) - Discursos de ódio; Desinformação; Má informação	- BigTec→Anti-controlo e anti-legislação europeia - Media Mainstream→Grande capital; compra ou participação em meios de informação mainstream (televisões, rádios e revistas) - Empresas de desinformação Extrema-direita→Estratégias de comunicação organizadas; Fábricas de Desinformação; Trolls; “bolhas”; grupos descaracterizados e outros



	• “Utilização de bolhas de informação”.	• Conteúdos populistas dos meios → Conflituosidade; desacreditação de instituições democráticas; insídia; boatos, rumores, assédios virtuais e notícias falsas
--	---	--

Fonte: Autora

Neste contexto, os meios de comunicação em geral e a natureza da internet e das redes sociais, em particular, tendem a constituir-se como meios de comunicação desafiantes da democracia, ameaçando as instituições e promovendo atores populistas, autocráticos e autoritários. O uso abusivo das redes, quer por meio da massificação de conteúdos de cariz populista, quer por meio da exploração e comercialização de dados, por grupos organizados populistas e de extrema-direita, tem afetado atos de democracia em toda a Europa. Por exemplo, é conhecido o papel da empresa Cambridge Analytics nas eleições que levaram ao Brexit, no Reino Unido, em 2017 ou na Catalunha em 2017 (Blackwill e Gordon, 2018).

Após essa análise do populismo enquanto fenômeno de comunicação, descreve-se e caracteriza-se o populismo na Europa, tendo em conta diferenças culturais, sociais e políticas, bem como a sua localização geográfica. O foco está no período pós-pandemia e no início da guerra na Ucrânia, em 22 de fevereiro de 2022.

4. O POPULISMO NA EUROPA: TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS

O populismo, que se expandiu após a crise de 2008, surge como um fenômeno global que, apesar de apelar ao nacionalismo, comporta as marcas da globalização. Entre estas, destacam-se a continuação, sob aparentes ruturas, de estratégias de integração na economia global, mas também a utilização, em muitos casos, dessa mesma economia em proveito dos seus líderes ou dos seus apoiantes. Com este cenário como pano de fundo, os partidos do centro político democrático — tais como os partidos socialistas, democrático-cristãos, liberais e outros do mesmo espectro — manifestando uma visão calcificada da sociedade, tornam-se incapazes de dar uma resposta política e social às



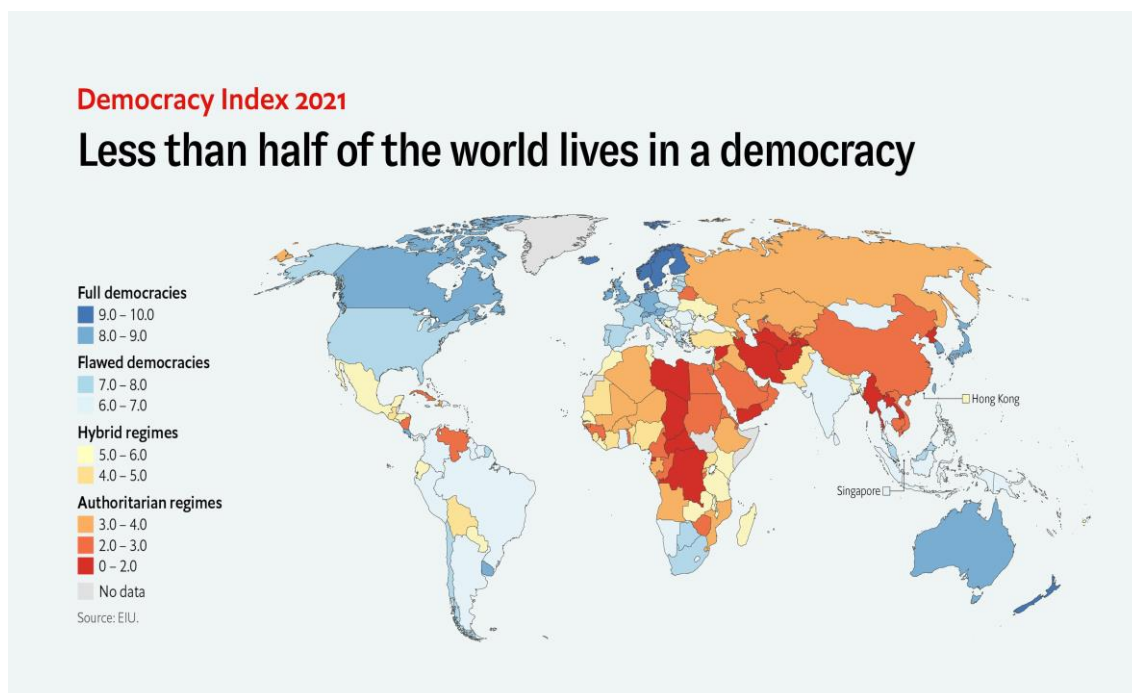
demandas e angústias sociais, habituados que estão à alternância no poder e à dependência de interesses económicos globalizados. Como resultado deste fracasso, observa-se a decadência dos partidos tradicionais e a proliferação de partidos nas franjas do espectro político à esquerda e à direita. Em paralelo, emergem atores e partidos políticos nacionalistas e populistas, que se denominam anti-sistema, euro-cepticos e anti-imigração, que vêm ocupar os espaços deixados ao centro, captando os cidadãos descontentes, ressentidos e cépticos, quer da economia, quer da política, que abandonaram os partidos tradicionais.

Esta deriva é comum a toda a Europa, a partir da crise das dívidas soberanas, embora assuma características específicas em cada país. Apesar de afetar tanto os países nórdicos, como os do centro e sul da Europa, o fenómeno atinge, com particular intensidade, a sociedade e o sistema político da Grécia, Itália e França. Sublinha-se, ainda que, no mesmo período, observa-se uma reorientação anti-democrática, em muitas outras latitudes geográficas. Por exemplo, a partir de 2008, a Rússia, tendo como primeiro-ministro Vladimir Putin, acentua a gestão autocrática, enquanto na China, Xi Jinping, reforça, paulatinamente, o seu poder no partido Comunista e o controlo sobre a sociedade, com a implantação de sofisticados dispositivos mediáticos e digitais. Em outras geografias, na década seguinte, tendências populistas e autoritárias se expandiram, com a chegada de Donal Trump à Casa Branca (2017-2021), Boris Johnson (2019-2022) à governação do Reino Unido, de Modi (2014-2022), Duterte (2016-2022) e Bolsonaro (2018-2022), respetivamente, à presidência da Índia, Indonésia e Brasil.

Em 2021, menos de metade dos países no mundo viviam em democracia e, nos países democráticos, baixou a sua qualidade, como reporta o Relatório sobre a Democracia de 2022.



Figura 1. Menos de metade dos países do mundo vivem em democracia (2021)



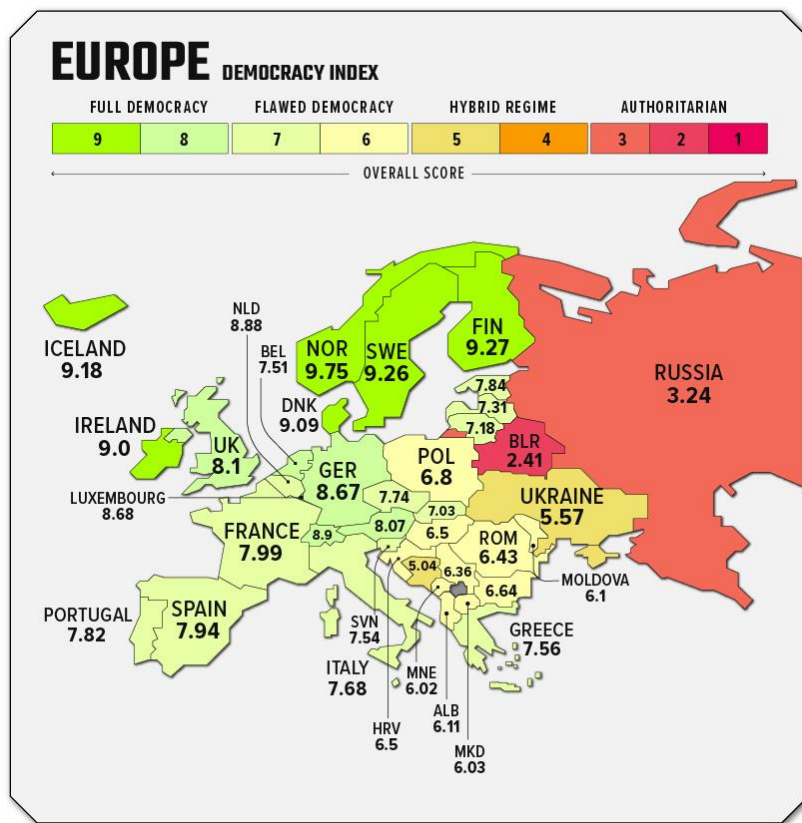
Fonte: <https://www.economist.com/graphic-detail/2021/02/02/global-democracy-has-a-very-bad-yea>

À mesma conclusão chegam os relatórios anuais da Associação Freedom House, da revista The Economist e do Índice de Democracia no Mundo, que alertam para um decréscimo dos países que vivem em democracia em todo o mundo. Tratando-se de uma tendência global, e em crescendo nos últimos 16 anos⁸, expressa-se, contudo, de forma continuada na Europa, tendo-se acentuado no período da Pandemia, com as restrições impostas à circulação de cidadãos e entre fronteiras, bem como devido ao cerceamento de direitos civis. A invasão da Ucrânia pela Federação Russa veio, ainda, agravar aquele panorama em toda a Europa, nomeadamente no que toca às questões de cibervigilância. Este quadro pode ser posto à prova, a qualquer momento, dada à instabilidade interna, gerada, recentemente, em vários territórios autocráticos, tais como a China, Irão e a própria Rússia.

⁸ Cfr.: <https://freedomhouse.org/report/freedom-world/2022/global-expansion-authoritarian-rule>



Figura 2. O declínio da democracia na Europa



Fonte: <https://www.visualcapitalist.com/mapped-the-state-of-global-democracy-2022/>

Como explicação estrutural para a expansão do populismo na Europa, e de certa forma no designado ocidente, está a reconfiguração do neoliberalismo, nomeadamente na forma de capitalismo digital, e a sua associação, aparentemente bem sucedida, em termos económicos e financeiros, a autocracias, totalitarismos e autoritarismos, como a China e a Rússia. Por outro lado, a presidência de Trump (2017-2021) e o trumpismo do partido Republicano americano, vieram demonstrar a atractividade destes modelos de governação musculados, no ocidente. Apesar desta proposta ter sido, temporariamente, derrotada nos Estados Unidos, em 2021, ficaram as sequelas quer a nível interno, quer a nível internacional. Nos Estados Unidos, salientam-se as ameaças dispersas, mas constantes, aos direitos e liberdades individuais, como a mudança na legislação sobre a interrupção da gravidez, bem como as tentativas de enfraquecer as instituições democráticas, como foi a saída dos Estados Unidos, durante a presidência Trump, do acordo sobre o clima. No espectro internacional, a deriva trumpista, fortaleceu os



movimentos que tendem a reivindicar uma nova ordem mundial, propondo reconfigurações geoestratégicas, com base na emergência de novas potências globais e regionais, tendência que foi reforçada pela invasão da Federação Russa à Ucrânia.

Numa abordagem ao populismo, na Europa, encontram-se muitas diferenças, mas também muitas semelhanças, independentemente da situação geográfica, da história, da política, da cultura e religião de cada país (Aalberg *et al.*, 2017). Nos países do norte da Europa, que se constituíram como modelos da tolerância, da solidariedade e da equidade nos últimos cinquenta anos, assiste-se a um ressurgimento do populismo com base em partidos de extrema-direita, herdeiros dos movimentos nazistas. Entre estes destacam-se, na Finlândia, o movimento Verdadeiros Finlandeses; na Dinamarca, o Partido do Povo Dinamarquês; na Suécia o Partido dos Democratas Suecos, todos com alternância no poder, com maior ou menor expressão.

No Sul da Europa, com crescentes problemas económicos e sociais, advindos da dívida pública, observou-se, após 2008, o crescimento de partidos e de líderes populistas de esquerda. Por exemplo o Syriza na Grécia, o Podemos em Espanha, o Bloco de Esquerda em Portugal que, uma vez integrados nos governos nacionais, acabaram por compor soluções parlamentares, deixando o espaço de contestação a partidos e líderes anti-sistema de extrema-direita. Salienta-se que a França e a Itália, países situados nesta geografia europeia, se destacam, desde os finais do século XX, na liderança de movimentos populistas de direita, respetivamente com a Frente Nacional, liderada pela família Le Pen, agora rebatizada Reagrupamento Nacional, e a Força Itália de Silvio Berlusconi. Nos dois países — muito afetados pela desindustrialização advinda da deslocação de indústrias para a Ásia, e pressionados pelos fluxos migratórios mediterrânicos — surgiram, posteriormente, movimentos populistas híbridos, que advogam políticas, que foram bandeiras, simultaneamente, da esquerda e da direita. São exemplo destas transformações os movimentos Cinco Estrelas, em Itália, e a França Insubmissa, em França.

Nos países da Europa Ocidental, tal como a Áustria, a Alemanha, a Bélgica e os Países Baixos, surgiu uma extrema-direita forte, inspirada em simbologias neo-nazis, que tem levado os partidos tradicionais do centro, na lógica de mimetismo, a adotarem



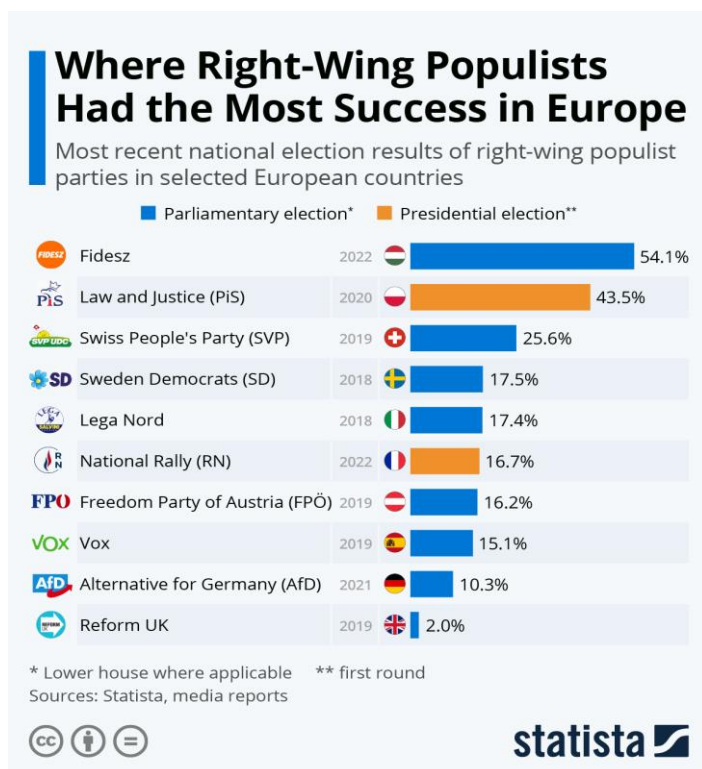
discursos de estilo populista, nomeadamente anti-imigração islâmica. Na Alemanha, os partidos do centro, como a União Democrata Cristã, o Partido Social Democrata da Alemanha, o Partido Democrático Liberal e os Verdes, estabeleceram um pacto, no sentido de estabelecer um cordão político de isolamento ao emergente partido de extrema direita, Alternativa para a Alemanha. Em simultâneo, e ainda sob o governo da chanceler Merkel, foram tomadas medidas musculadas para combater a expansão desta tendência extremista, principalmente nas forças armadas. Em alguns destes países, os partidos de extrema-direita e seus líderes, receberam financiamento do governo do Kremlin, como aconteceu com o Partido da Liberdade na Áustria, onde o escândalo que sucedeu àquela revelação levou à demissão do primeiro-ministro e de todo o governo, em 2019.

Na Europa Oriental, nomeadamente na Hungria, Polónia e República Checa, a herança soviética, as fronteiras porosas e móveis, a acumulação de camadas de história advindas da pertença a diferentes impérios, como o Russo, o Austro-Hungaro e Otomano, criaram sociedades multi-étnicas e multi-religiosas, com uma forte componente autoritária e centralista. A entrada desses países na União Europeia em 2004, embora tenha contribuído para a democratização das instituições desses países, não impediu o despontar da designada democracia iliberal, caracterizada pelo surgimento de partidos nacionalistas, liderados por políticos carismáticos, conservadores e xenófobos que, rapidamente, controlaram a imprensa e as redes sociais. Estes líderes assumem-se como defensores dos valores tradicionais e cristãos da Europa, são anti-imigração islâmica e africana, defendem o papel da mulher na família tradicional, bem como se posicionam contra as liberdades individuais que ponham em causa aqueles valores.

A figura 3 identifica os partidos e os países europeus onde a extrema direita populista tem obtido maior sucesso em eleições nos últimos cinco anos, 2018-2022.



Figura 3 – Onde os partidos populistas europeus obtiveram melhores resultados (2018-2022)



Fonte: Statista: <https://www.statista.com/chart/20094/national-election-success-of-far-right-parties-europe/>

Seguidamente, no Quadro 2, caracteriza-se, de forma sucinta, o que é hoje entendido como populismo de direita e de esquerda na Europa, apesar de, cada vez mais, este fenômeno surgir como uma ideologia híbrida, onde se cruzam propostas atribuídas tradicionalmente à esquerda ou à direita.

Quadro 3. Caracterização do Populismo de Esquerda e do Populismo de Direita

Características gerais	Esquerda	Direita
Ideologia política	Social progressista: Liberdades e identidades individuais/Luta de classes/ Anti-capitalismo/Democracia “à la carte”	Social conservadora: Nacionalismo/ Anti identidades individuais/Religiosidade/Capitalismo nacionalista/Democracia “à la carte”
Antissistema	Um novo modelo	Retorno ao modelo século XX



Programa Político	Mais Estado; Menos Europa; Menos Globalização	Menos Estado; Menos Europa; Mais Nação/Menos Globalização
Anticorrupção	Foco: Monopólios globais/interesses privados internacionais	Foco: Monopólios globais/interesses públicos organizados
O povo /As elites/Os Outros	Povo homogêneo/Elites partidárias/Outros- interesses “estrangeiros”	Etnonacionalismo/ Elites conservadoras/ Outros- estrangeiros e não étnicos
Informação	Controlo/Censura/Desinformação	Desinformação/Controlo/Censura
Justiça social	Desigualdades/Distribuição	Desigualdades/Nós x Outros
Comunicação Política	Ortodoxias políticas/discursos excludentes/Simbologias “marxistas”	Ortodoxias políticas/discursos de ódio/Simbologias nacionalistas

Fonte: Baseado em Galito, 2017

Num balanço geral sobre a Europa e a democracia na atualidade, observa-se que os anos da Pandemia (2019-2021) e o início da invasão da Federação Russa à Ucrânia, em 22 de fevereiro de 2022, acenturam os fatores de fortalecimento dos movimentos populistas híbridos e de extrema-direita, e a consequente ameaça à democracia. As eleições que tiveram lugar em França, em Itália, em Portugal e na Suécia, por exemplo, mostraram o aumento do eleitorado de tendências populistas e a consolidação não só de actores políticos com esta vocação, como de um estilo de fazer política populista.

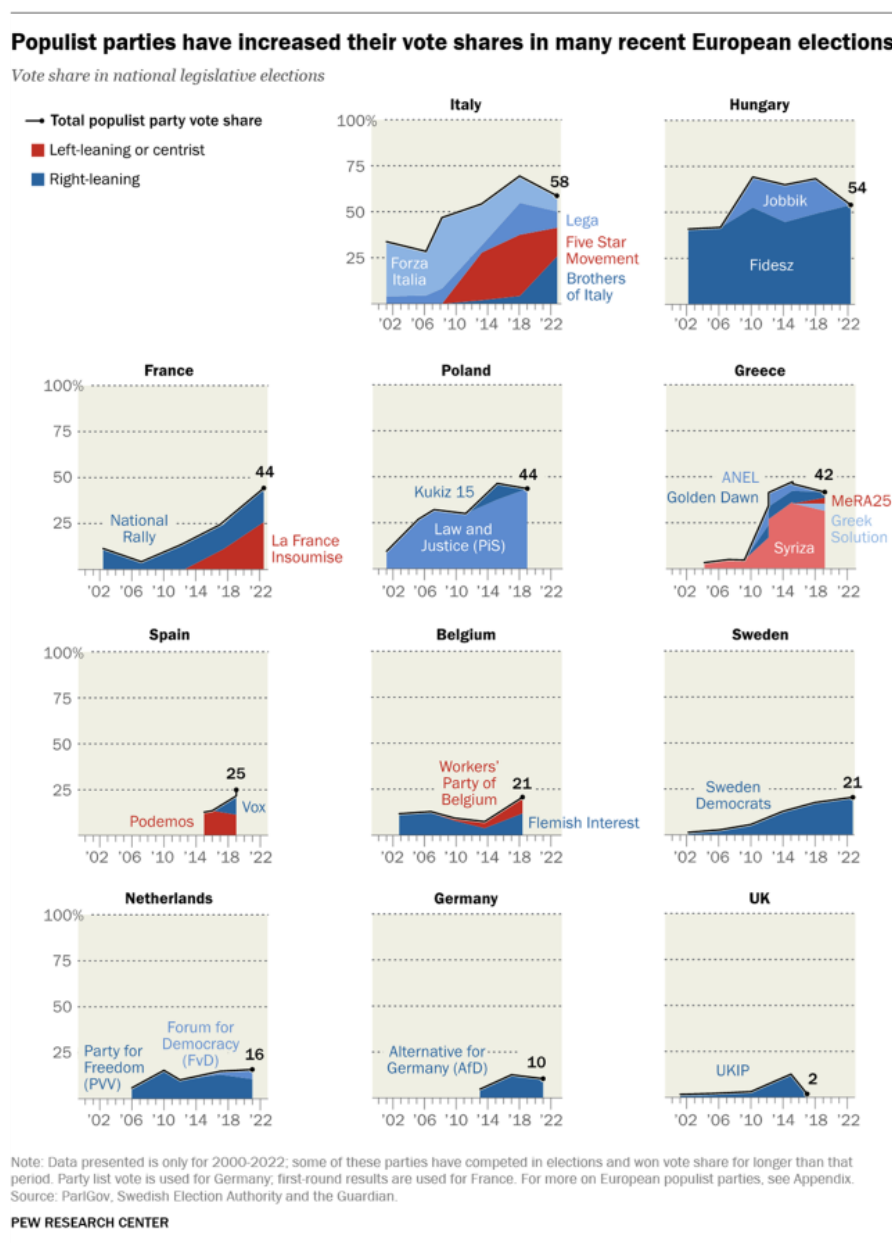
Em toda a Europa, os populistas, especialmente de direita, têm vindo a conquistar mais votos em eleições legislativas⁹. Deste modo, enquanto em 2015, na crise dos refugiados, maioritariamente advindos da guerra na Síria, havia 70 partidos identificados como populistas, nos 28 estados que compunham então a União Europeia, hoje será difícil avaliar o número destas organizações. No entanto, apesar dos ganhos eleitorais em cada país, e na generalidade dos países da Europa, os partidos políticos populistas ainda não acolhem a maioria dos votos dos eleitores e alguns são mesmo impopulares, quer no espectro da esquerda como da direita populista. Excepção a esta situação é o partido populista de direita Fidesz, na Hungria, onde obtém 55% do apoio público, maioritariamente nas regiões rurais, há mais de dez anos, com Victor Orban. Mesmo a

⁹ Cfr.: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2022/10/06/populists-in-europe-especially-those-on-the-right-have-increased-their-vote-shares-in-recent-elections/>



França e a Itália, respetivamente, nas eleições presidenciais, e para primeiro-ministro, em 2022, embora contando com partidos populistas à esquerda e direita, não conseguiram, isoladamente, chegar a uma maioria. No entanto, observa-se que, nos dois países, o crescimento destas formações partidárias angariam, já, mais de metade dos cidadãos votantes. Esta situação não só configura uma ameaça às instituições democráticas, de cada um dos países, como põe em causa a democracia na Europa e na União Europeia.

Figura 4. Aumento da percentagem de votantes em partidos populistas na União Europeia (2002-2022)



Fonte: [European populist parties' vote share on the rise, especially on right | Pew Research Center](#)

5. BREVES CONCLUSÕES

Como se viu, Populismo é um conceito, termo, palavra com muitas acepções e, por isso, um conceito que tende a ser entendido e utilizado para designar fenômenos de autoritarismo, soberanismo, totalitarismo, movimentos de extrema-direita e outros.

Na Europa, a confluência de interesses entre líderes emergentes populistas, media mainstream e as redes sociais, levou ao alastrar deste fenômeno, cooptando o descontentamento das classes médias e média-baixas, indignadas face às desigualdades e receosas perante o futuro, no quadro da globalização neocapitalista. Os primeiros fenômenos de comunicação populista, na Europa, datam do final da década de oitenta e noventa. A partir deste período, assistiu-se a uma convergência de interesses entre medias mainstream e líderes populistas. Enquanto os primeiros buscavam aumentar audiências, numa lógica de mercado e no contexto expansivo do neocapitalismo; os segundos procuravam cativar apoiantes, num panorama político caracterizado pelo colapso dos partidos tradicionais e o aumento da satisfação face à democracia. As lógicas mediáticas foram utilizadas pelos líderes populistas e os media utilizaram linguagens, discursos, formatos e os próprios líderes para potenciarem as suas audiências.

As redes sociais e a desregulamentação que as caracteriza, contribuíram para a expansão daquele fenômeno, implantando uma nova lógica de produção, distribuição e utilização mediática, com impactos ameaçadores nas democracias europeias. As promessas do populismo encontraram um campo fértil para se expandir, tanto na sua perspectiva económica como ideológica, visto proporem-se a restaurar as soberanias nacionais; travar a burocracia homogeneizante das instituições europeias e controlar as migrações.

A atractividade dos processos de comunicação populista e dos temas enfatizados, como a segurança, as migrações e as questões de género, contaminaram os partidos tradicionais que optaram por um estilo populista de fazer política, assumindo estratégias que se assemelham a um soft populismo.

Os anos de Pandemia (2019-2022) e o deflagar da guerra na Ucrânia, 24 de fevereiro 2022, trouxeram novas bandeiras para o populismo europeu, nomeadamente



os movimentos anti-vacina, anti-intervenção da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e anti-imperialismo ocidental. Mais especificamente, os movimentos e atores populistas europeus, puseram em causa as restrições e medidas impulsionadas pelos Estados e governos, no sentido de controlar a pandemia e, ao mesmo tempo, apoiaram os movimentos anti-vacinas, promovendo um ecossistema desinformativo, designado infopandemia, pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Por outro lado, aquando da invasão da Rússia pela Ucrânia assistiu-se, inicialmente, ao posicionamentos da extrema direita e da extrema esquerda populista, no sentido de justificar a invasão recorrendo à evocação de valores díspares, assumindo que a Federação Russa seria uma sociedade socialista ou, ainda, que esta constituiria o baluarte do ocidente conservador. Esta posição alterou-se à medida que a guerra se alastrou e as atrocidades se tornaram conhecidas internacionalmente, fazendo com que partidos, anteriormente financiados pelo Kremlin, como o Reagrupamento Nacional de Marine Le Pen, ou os Irmãos de Itália, de Giorgia Meloni, adotassem, nas campanhas eleitorais, posições favoráveis à Ucrânia; ao apoio e sanções da União Europeia à Rússia, bem como à aceitação da OTAN e do papel dos Estados Unidos na guerra (Silver, 2022).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aalberg, F. Esser, C. Reinemann, J. Strömbäck and de Vreese, C.H. (2017). *Populist Political Communication in Europe*. London: Routledge.

Freedom House (2021). Democracy under Siege. Disponível em: <https://freedomhouse.org/report/freedom-world/2021/democracy-under-siege>.

Blackwill, R. D. and Gordon, P. (2018) Containing Russia How to Respond to Moscow's Intervention in U.S. Democracy and Growing Geopolitical Challenge. Council Special Report No. 80 January 2018. Disponível em: https://cfrd8-files.cfr.org/sites/default/files/report_pdf/CSR80_BlackwillGordon_ContainingRussia.pdf.

Chadwick, A. (2013) *The hybrid media system*. Oxford: Oxford University Press.



Galito, M. S. (2017). Populismo: conceptualização do conceito. *Working Paper*. CEsA CSG, 158 / 2017 pascal.iseg.utl.pt

Gidron, N. and Bonikowski, B. (2013). Varieties of Populism: Literature Review and Research Agenda. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2459387.

Hawkins, K. A., Aguilar, R., Castanho Silva, B., Jenne, E. K., Kocijan, B., and Rovira Kaltwasser, C. (2019). Measuring Populist Discourse: The Global Populism Database. *Paper presented at the 2019 EPSA Annual Conference in Belfast, UK, June 20-22.*

Hjarvard, S. (2008) The Mediatization of Society: A Theory of the Media as Agents of Social and Cultural Change. *Nordicom Review*, 29, 105-134. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/nor-2017-0181>.

Jagers, J., and Walgrave, S. (2007). Populism as political communication style: An empirical study of political parties' discourse in Belgium. *European Journal of Political Research*, 46(3), 319–345.

Laclau, E. (2005). *On Populist Reason*. London: Verso.

Mazzoleni, G. and Schultz, W. (1999). “Mediatization” of Politics: A challenge for Democracy?, *Political Communication*, vol.16, issue 3

Mazzoleni, G. (2008). Populism and the Media. In: Albertazzi, D. and McDonnell, D. (Eds.), *Twenty-First Century Populism: The Spectre of Western European Democracy*. Basingstoke and New York: Palgrave Macmillan, pp. 49–64.

Mazzoleni, G. and Bracciale, R. (2018). Socially mediated populism: the communicative strategies of political leaders on Facebook. *Palgrave Communications*, 450. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41599-018-0104-x>.

Moffitt, B. and Tormey, S. (2013). Rethinking Populism: Politics, Mediatisation and Political Style. *Political Studies*, 62, pp. 381-397. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-9248.12032>.



Moffitt, B. (2017) Transnational Populism? Representative Claims, Media and the Difficulty of Constructing a Transnational “People”, *Javnost - The Public*, 24:4, 409-425, DOI: 10.1080/13183222.2017.1330086

Mudde, C. and Kaltwasser, C.R. (2017). *Populism A Very Short Introduction*. Oxford: University Press.

Reinemann C, Aalberg T, Esser F et al. (2017). Populist political communication: Toward a model of its causes, forms, and effects. In: Aalberg T, Esser F, Reinemann C. Strömbäck, J. and de C. H. de Vreese (eds) *Populist Political Communication in Europe*. London: Routledge, pp 12–28

Stanyer, J. Salgado, S. and Strömbäck, J. (2017). Populist Actors as Communicators or Political Actors as Populist Communicators. Cross-National Findings and Perspectives. In Aalberg, T., Esser, F., Reinemann, C., Strömbäck, J. and de C. H. de Vreese , cap. 27, *Populist Political Communication in Europe*. London: Routledge.

Schwörer, J. (2021). *The Growth of Populism in the Political Mainstream: The Contagion Effect of Populist Messages on Mainstream Parties 'Communication*. London: Springer.

Silver, L. (2022). Populist in Europe— especially those on the right— have increased their vote shares in recent elections. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2022/10/06/populists-in-europe-especially-those-on-the-right-have-increased-their-vote-shares-in-recent-elections/>

Strömbäck, J. (2008). Four Phases of Mediatization: An Analysis of the Mediatization of Politics. *The International Journal of Press Politics*, vol 13, Issue 3.

